



O antigo líder do CDS e ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, Paulo Portas, é consultor da Mota-Engil desde 2016  
FOTO TIAGO MIRANDA

## O ex-vice-primeiro-ministro que abre Portas

Paulo Portas é o **sexto ex-governante na administração de empresas na 'montra' da bolsa portuguesa**. Especialistas discutem que benefícios traz mais um ex-ministro na Mota-Engil, onde Portas já era consultor

DIOGO CAVALEIRO  
e HELDER C. MARTINS

A Mota-Engil tem mais um político na sua administração: Paulo Portas subiu esta semana à cúpula da empresa, cumprindo uma tradição que a construtora tem seguido. Entre os especialistas de governo de empresas com que o Expresso falou, não há dúvidas sobre as competências e contactos que o antigo ministro da Defesa, dos Negócios Estrangeiros e vice-primeiro-ministro pode trazer, mas também há alertas sobre os problemas reputacionais.

Não há nada que impeça ex-políticos, sobretudo um que saiu do Governo há já oito anos, como é o caso Paulo Portas, de assumir cargos na administração de empresas — os impedimentos legais são por três anos e apenas para entidades que tenham beneficiado da ação governamental.

João Moreira Rato, que preside ao Instituto Português de Corporate Governance (IPCG), admite que não há regras que desaconselhem essa presença, mas alerta que há códigos de boas práticas para respeitar — até porque há investidores que por elas se interessam.

### Novos não-executivos

Os administradores que, como Portas, exerçam funções não-executivas devem exercer "uma função fiscalizadora e de desafio à gestão executiva", segundo as recomendações do IPCG. Esta é uma forma de olhar para o cargo que tem vindo a mudar com o tempo e que Portas terá de respeitar.

"Havia ideia de que o não-executivo não tinha muita

responsabilidade, tal como se aceitavam cargos de membros de conselhos fiscais sem saber muito bem. Hoje em dia há mais a noção de que, mesmo sendo não-executivos, têm responsabilidades, fiscais, e solidárias com as deliberações tomadas em conselhos de administração. Obriga-os a ter alguma cautela", diz Paulo Bandeira, sócio de *corporate* do escritório de advogados SRS.

Duarte Pitta Ferraz, professor de *corporate governance* na Nova School of Economics, fala em três fases da evolução de administradores não-executivos: na primeira, serviam para "dar prestígio à instituição, não faziam praticamente qualquer trabalho de supervisão"; na segunda, eram "angariadores de negócios, pessoas que abrem portas e a quem se responde às chamadas telefónicas"; na terceira, que "emergiu após a crise de 2010, a legislação e as melhores práticas impõem responsabilidades de supervisão".

Portas passa a não-executivo, com a missão de orientar a gestão do novo presidente executivo, Carlos Mota Santos, depois de ter sido consultor da empresa desde 2016. Paulo Bandeira considera que passa a poder ter um "papel mais ativo em termos de representação externa". O "papel de consultor não é chapéu que permita apresentar-se como uma contraparte com autoridade, como com o cargo de administrador", diz.

**Os primeiros-ministros não abraçaram empresas do PSI; foram para lugares no estrangeiro**

Deve haver "cautela" legal nesta transição à luz da independência: se nos três anos anteriores trabalhou para a empresa, não pode ser considerado um administrador não-executivo independente, sublinha João Moreira Rato, que desde o ano passado lidera o instituto que "promove boas práticas do governo societário".

Seja como independente ou não, Portas foi político, e Duarte Pitta Ferraz defende que a empresa tem de "assegurar que as situações de conflito de interesses são protegidos em temas em que o ex-ministro tenha estado envolvido". Uma matéria que tem de ser discutida pela administração e pelo departamento de ética e *compliance* (conformidade) das empresas.

### O impulso para a Mota

Paulo Portas entrou para a administração da Mota-Engil, levando a sua experiência política para a construtora da família Mota, hoje numa parceria com a construtora chinesa CCC. Não é inédito na empresa, já que o falecido antigo ministro Jorge Coelho foi seu presidente executivo anos após deixar o Governo — foi o primeiro de fora da família a assumir aquele cargo. Por lá está outro ex-governante, Francisco Seixas da Costa, ex-secretário de Estado dos Assuntos Europeus de António Guterres, e esteve Luís Parreirão, que também foi secretário de Estado de Guterres, com vários pelouros, entre os quais as Obras Públicas.

"A Mota-Engil, sendo uma empresa multinacional, de dimensão significativa, precisa de ter no seu *board* pessoas que entendam de geopolítica e geoeconomia: duas compe-

tências que entendo que Paulo Portas tem", comenta Duarte Pitta Ferraz.

"Portas, com a experiência de ministro dos Negócios Estrangeiros, pode trazer uma perspectiva de mercados que se deve apostar ou evitar", sintetiza Filipe Morais, professor de *governance* e reputação na Henley Business School, na Universidade de Reading, no Reino Unido. "É de uma relevância extraordinária alguém que consegue ter uma leitura geopolítica de determinados mercados", indica também Paulo Bandeira, sublinha que é "relativamente comum em multinacionais estrangeiras" ter responsáveis pela análise e condicionantes políticas que percebam dos mercados onde a empresa opera.

### Reputação afetada?

A Mota-Engil tem negócios em países da América Latina (Peru, Colômbia, Brasil) e África (Angola, Moçambique, Malawi, Uganda, etc.), muitos deles países com um forte peso do Estado. O que tem também problemas, de envolvimento com portas giratórias, e por, como refere Filipe Morais, "o sector da construção lidar diretamente com Governos e ter um potencial de risco grande", nomeadamente com suspeitas de corrupção no sector.

"Nota-se em muitos investidores profissionais e em *private equity*, em sectores regulados, a preocupação na contratação de ex-governantes. Uma preocupação reputacional: investidores que querem minimizar o risco de ter ex-governantes no sector regulado, para não haver mal-entendidos", acredita João Moreira Rato.

"A Mota-Engil tem um padrão na contratação de ex-políticos e, neste caso, pode haver uma penalização reputacional, mas a Mota-Engil, como é B2B [*business-to-business*, em que o negócio se dirige a outras entidades e não ao consumidor final], será menos do que numa empresa de distribuição, que é B2C [*business-to-consumer*, em que o negócio se dirige ao consumidor final]", lembra Filipe Morais.

Não foi possível obter uma posição de Paulo Portas sobre o seu novo papel. A Mota-Engil também não quis responder a questões relativas à nova administração.

### Menos políticos?

Não há estudos quantitativos sobre a evolução do número de ex-governantes em empresas cotadas em Portugal. Neste momento há seis ex-governantes em seis cotadas do PSI: Paulo Portas, na Mota, o ex-ministro José Luís Arnaut, na REN, e quatro ex-secretários de Estado (Adolfo Mesquita Nunes e Luís Todo Bom, na Galp; Francisco Seixas da Costa, na Mota e Jerónimo Martins; e Luís Palha da Silva, na EDP). Em 2019, havia dez empresas do antigo PSI-20 com ex-governantes nas suas administrações, segundo um trabalho do "Dinheiro Vivo". A EDP, por exemplo, na remodelação de 2021, quis afastar

**A Mota-Engil tem-se especializado em chamar ex-políticos para as suas lideranças**

um pouco o foco do mundo político, saindo Luís Amado, Eduardo Catroga, Celeste Cardona, Augusto Mateus e Braga de Macedo do conselho geral e de supervisão.

Sublinhando não ter dados concretos, Paulo Bandeira acredita que há um maior escrutínio e que "isso, necessariamente, a partir do momento que há uma certa devassa da vida privada, pode naturalmente desaconselhar pessoas a entrar neste tipo de cargos".

Filipe Morais considera que é certo que "há cada vez menos políticos na administração de empresas. Veja-se o caso da EDP, muito por questões reputacionais, e em Portugal, o mercado de ex-políticos começa a esgotar-se", considera. Além disso, "o político português tem cada vez menos influência, porque a maioria das decisões são tomadas em Bruxelas".

O político que foi o rosto do CDS-PP recebeu, em 2013, o cargo de vice-primeiro-ministro, que não existia desde os anos 80, mas antecessores, como Eurico de Melo, Rui Machete e Ricardo Bayão Horta, também tinham feito a transição para a administração do mundo empresarial.

O mundo das portas giratórias tem envolvido também ex-primeiros-ministros, mas, no mundo recente, não assumiram lugares em empresas cotadas portuguesas, optando por estar em companhias do estrangeiro. Duário Barroso seguiu do Governo para a Comissão Europeia e daí para o Goldman Sachs (num caso que causou grande celebração em Bruxelas), e José Sócrates foi para consultor da Octapharma.



**TRIBUNA**  
Expresso  
tribunaexpresso.pt

**Adecco**  
Trabalhamos para que outros possam fazê-lo!

**OPINIÃO**

**Eucalipto, por onde andaste no verão?**  
FRANCISCO GOMES DA SILVA E29

**Nós a vê-los passar**  
JOÃO DUQUE E8

**Uma penada que destrói qualquer política de habitação**  
FRANCISCO LOUÇÃ E3

**PESSOAS**

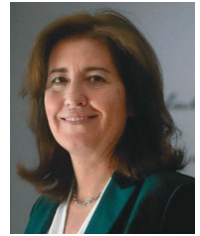
**João Velez de Lima é o responsável pelo escritório do Porto da Vieira de Almeida E28**

**Dicas Bom demais para ser real? Seis indícios de que a oferta é falsa E28**

**SIC NOTÍCIAS MANHÃ**  
DE SEGUNDA A SEXTA, ÀS 6H DA MANHÃ

**ECONOMIA** IMOBILIÁRIO & EMPREGO Expresso 50 2623 3 de fevereiro de 2023 expresso.pt

# Governo preocupado com guerra comercial entre Europa e EUA



Ana Mendes Godinho  
Ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social

**“Já ninguém é contra a subida do salário mínimo” E6**

Na próxima semana, os líderes europeus encontram-se numa reunião extraordinária para debater um dos temas que, neste momento, mais agita a agenda europeia: como garantir que os investidores não tocam em retirada para os EUA, seduzidos pelo generoso pacote de apoios de Joe Biden. Tiago Antunes, secretário de Estado dos Assuntos Europeus, diz ao Expresso que o Governo está a fazer “uma monitorização dos efeitos

do IRA (Inflation Reduction Act) nos vários sectores de atividade”. “Há empresas que obviamente estão a olhar, andam a considerar os benefícios que os EUA estão a conceder”, mas “estão expectantes para saber qual vai ser a resposta da Europa. Elas sabem que haverá uma resposta europeia e não vão tomar uma decisão antes”, acredita. Com economias desiguais e interesses desalinados, as negociações europeias

não serão fáceis — estão, aliás, “muito efervescentes” —, mas há objetivos comuns. Um deles é o de manter um bom relacionamento com os EUA: “Ninguém tem interesse numa guerra comercial. Estamos a fazer tudo para evitá-la.” Para os empresários, esta é uma preocupação central. Aham que o Governo deve bater-se por uma política de reindustrialização, sem afrontar os EUA. E10

**PORTUGAL É DOS PAÍSES ONDE OS POBRES SOFREM MAIS COM A INFLAÇÃO E5**

**Compradas 13 casas com criptomoedas em 2022**

Notários fizeram mais de uma dezena de escrituras com moedas digitais. Lisboa e Algarve lideram transações E4



**POLÍTICOS GESTORES**  
Na Mota-Engil, Paulo Portas é o exemplo mais recente. Especialistas discutem prós e contras destas contratações E14



**UM ANO NEGATIVO DE GESTÃO PÚBLICA NO HOSPITAL DE LOURES E8**

**Gestores das empresas públicas vão ter prémios**

Onze empresas, incluindo a NAV, esperam posição do Governo sobre propostas de contratos de gestão que preveem prémios E11

Dinamarca tem projeto de €8 mil milhões para Portugal E12

Qual a melhor forma de proteger a sua casa? E18



**Escolha receber sempre mais de volta**  
Abra uma conta no Santander, agora com mais vantagens para poupar nas contas da casa e da família. Qualquer que seja a sua.

